



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ROSEMEIRE NOGUEIRA DIAS MELLO

**O QUE DIZEM ALGUMAS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA DA REDE
MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE – PB SOBRE O SISTEMA DE CICLOS**

**CAMPINA GRANDE – PB
2015**

ROSEMEIRE NOGUEIRA DIAS MELLO

**O QUE DIZEM ALGUMAS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA DA REDE
MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE – PB SOBRE O SISTEMA DE CICLOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, pelo Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Maria José Guerra.

M527s Mello, Rosemeire Nogueira Dias.
Sistema de ciclos numa Escola Municipal de Campina Grande
PB [manuscrito] : o que diz algumas professoras / Rosemeire
Nogueira Dias Mello. - 2015.
38 p. nao

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Maria José Guerra, Departamento de
Educação".

1. Sistema de ciclos. 2. Ensino fundamental. 3.
Aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 372

ROSEMEIRE NOGUEIRA DIAS MELLO

**SISTEMA DE CICLOS NUMA ESCOLA MUNICIPAL DE CAMPINA
GRANDE/PB: O QUE DIZ ALGUMAS PROFESSORAS**

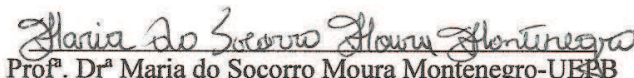
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em pedagogia.

Aprovada em: 09/02/2015.

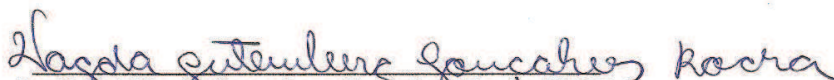
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Maria José Guerra-UEPB
(Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Moura Montenegro-UEPB
(Examinadora)



Prof.^a Dr.^a Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha-UEPB
(Examinadora)

A Deus, minha fortaleza, que me guiou até aqui. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus que é tudo na minha vida.

A meu esposo Rondinelli pela força e apoio que sempre me deu.

A minha amiga Taíssa, pois se não fosse sua imensa ajuda eu não teria conseguido realizar esse trabalho.

A minha filha Brenda que, em muitos momentos, foi minha companheira no decorrer do curso.

A minha orientadora Maria José Guerra pela sua disponibilidade a me ajudar.

A amiga Ana Paula pelo incentivo e amizade.

A minha mãe pelas orações.

A minha irmã Eliane que sempre acreditou em mim.

Agradeço a todos que contribuíram para a realização desse sonho.

“Vemos os ciclos positivamente, mas não como uma mera solução para um problema de desempenho escolar do aluno, e sim como um longo e necessário processo de resistência de professores, alunos e pais à lógica excludente e seletiva da escola”.

(FREITAS, 2003, p. 36)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a organização do ensino fundamental em ciclos, partindo da visão da docência de uma Escola da Rede Municipal de Campina Grande – PB. O trabalho está fundamentado à luz de teorias de autores e autoras que estudam e discutem a temática dos ciclos no Brasil como: Freitas (2003), Barreto e Mitrulis (2001), Alvarse (2009) entre outros, bem como de documentos a exemplo da Lei de diretrizes e bases da educação Nacional (LDB) Lei 9.394/96 e do documento do programa letramento no ensino fundamental: organização em ciclos de formação do município de Campina Grande. Para a coleta de dados fizemos uso de um questionário aplicado às professoras. O trabalho está organizado em dois capítulos no primeiro apresentamos a presença do sistema de ciclos no ensino fundamental, destacando de forma breve a trajetória dos ciclos no Brasil, e apresentando algumas considerações sobre ciclos e seriação e análise da avaliação da aprendizagem no ensino por ciclos, discutindo a avaliação formativa e promoção automática e a avaliação e aprendizagem. No segundo apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa, bem como a origem do sistema de ciclos na Rede Municipal de Campina Grande e a visão da docência da escola pesquisada sobre o sistema de ciclos. A análise dos dados demonstra que, a principal contribuição dos ciclos é na forma de avaliar, pois no sistema seriado a avaliação tem a função apenas de aprovar ou reprovar o aluno dependendo da nota obtida através de provas bimestrais enquanto nos ciclos a avaliação tem a função de diagnosticar o que foi ou não compreendido pelo/a aluno/a para rever o que precisa ser modificado. Destacamos a relevância social e acadêmica do trabalho, uma vez que contribuirá para a discussão sobre a organização do ensino por ciclos.

Palavras Chave: Ciclos. Ensino fundamental. Aprendizagem.

LISTA DE ABREVIATURAS

CNE	Conselho Nacional de Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PROFA	Programa de Formação de Professores Alfabetizadores
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
A PRESENÇA DO SISTEMA DE CICLOS NO ENSINO FUNDAMENTAL	12
1.1 CICLOS E SERIAÇÃO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	12
1.2 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DO ENSINO POR CICLOS.....	17
1.2.1 A contribuição da avaliação formativa e progressão continuada no sistema de ciclos	17
1.2.2 Avaliação e aprendizagem nos ciclos	20
CAPÍTULO II	
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: CAMINHOS PERCORRIDOS.....	23
2.1 O SISTEMA DE CICLOS NA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE.....	23
2.1.1 O funcionamento e a contribuição do sistema de ciclos para a escola pesquisada.....	24
2.1.2 Desafios, modificações da prática docente e a organização para atender ao trabalho educativo do sistema de ciclos.....	28
2.1.3 Mudança nos diferentes modos de avaliação da aprendizagem e as contribuições da avaliação que o sistema de ciclos oferece para o Ensino Fundamental.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE.....	38

INTRODUÇÃO

A organização do ensino por ciclos é uma temática que vem sendo bastante discutida no cenário educacional brasileiro por autores como Freitas (2003), Barreto e Mitrulis (2001), Mainardes e Stremel (2013) e Bertagna (2008), tendo em vista que organiza os anos escolares em ciclos nos quais o aluno é promovido ou retido oferecendo um tempo maior para que o aluno possa desenvolver sua aprendizagem de acordo com o seu ritmo.

A escolha pela temática surgiu a partir da disciplina “estágio supervisionado docência dos anos iniciais”, realizado no ano de 2011, no qual nos deparamos com o ensino organizado por ciclos na escola campo de estágio. Desse modo, em 2014 tomamos como objeto de estudo os ciclos. Escolhemos o objeto em tela a partir de conversa com as professoras da escola, onde destacaram que a prática educativa sofreu modificações com a implantação dos ciclos, ressaltando que a modificação de maior impacto para elas era a forma de avaliar os alunos. Diante disso, partimos da seguinte questão: Qual o diferencial do sistema de ciclos para o ensino fundamental?

A partir desse questionamento, nos propomos a analisar a organização do ensino fundamental em ciclos partindo da visão da docência de uma escola da rede pública municipal de Campina Grande-PB.

Logo, temos os seguintes objetivos específicos: analisar o funcionamento do sistema de ciclos nos anos iniciais do ensino fundamental; verificar como se dá a prática educativa no sistema de ciclos; e identificar o que diferencia o ensino por ciclos do ensino seriado. Sendo assim, fizemos uso da pesquisa qualitativa que conforme Lüdke e André (2013) busca investigar um fenômeno considerando seu todo e a forma natural como acontece, uma vez que tivemos contato direto com o ambiente e os sujeitos pesquisados

Para fundamentação do trabalho fizemos uso de autores e autoras que estudam e discutem a temática dos ciclos no Brasil como: Freitas (2003), Barreto e Mitrulis (2001), Alavarse (2009), entre outros, bem como de documentos a exemplo da Lei de diretrizes e bases da educação Nacional (LDB) Lei 9.394/96 e do documento do Programa Letramento no Ensino Fundamental: organização em ciclos de formação do município de campina Grande. Para a coleta de dados fizemos uso de um questionário aplicado às professoras.

Os sujeitos desta pesquisa foram as professoras de uma escola pública da Rede Municipal de Campina Grande, do ensino fundamental I, do 1º ao 5º ano. Para analisar os dados obtidos a partir dos questionários optamos por preservar a identidade dos sujeitos substituindo seus nomes por nomes de pedras preciosas. Por esta razão, durante a leitura deste trabalho os sujeitos da pesquisa são identificadas como: Ametista, Cristal, Jade e Pérola.

Todas as professoras entrevistadas têm o nível superior completo, sendo três efetivas e uma prestadora de serviço, estão na faixa etária de quarenta e um a sessenta anos, atuam no magistério de oito a trinta anos, na escola estão entre dois anos a catorze anos atuando no segundo ano, terceiro ano, quarto ano e quinto ano.

A escolha pelo questionário se deu pela viabilidade, visto que é um instrumento que possibilita um maior número de respostas, possibilitando selecionar as informações necessárias. O questionário aplicado às professoras foi organizado em dez questões (Apêndice B) abertas voltadas para a compreensão sobre o funcionamento do sistema de ciclos. O questionário com questões abertas permite que os sujeitos da pesquisa tenham mais liberdade nas respostas escrevendo sem limitações sobre o tema que lhe é proposto (GOLDENBERG, 2004).

Foram distribuídos seis questionários direcionados as professoras das séries iniciais do ensino fundamental I, do qual obtivemos a devolução de quatro questionários. Os dados obtidos durante a pesquisa foram transcritos do texto oral/escrito já dado, no dizer da professora tanto do turno diurno quanto do turno vespertino consultado, sob o enfoque da língua falada/escrita, ou da Análise da Conversação-AD, conforme o estudioso Urbano (2006) assim, nos orienta esse autor que o texto falado consiste, pois do depoimento prestado entre quem pergunta e quem responde

Organizamos o trabalho em dois capítulos: no primeiro, apresentamos a presença do sistema de ciclos no ensino fundamental, destacando de forma breve a trajetória dos ciclos no Brasil, e apresentando algumas considerações sobre ciclos e seriação e análise da avaliação da aprendizagem no ensino por ciclos, discutindo a avaliação formativa e promoção automática e a avaliação e aprendizagem. No segundo, apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa, bem como a origem do sistema de ciclos na Rede Municipal de Campina Grande e a visão da docência da escola pesquisada sobre o sistema de ciclos.

Destacamos a relevância social e acadêmica do trabalho, uma vez que contribuirá para a discussão sobre ensino por ciclos.

CAPÍTULO I

1 A PRESENÇA DO SISTEMA DE CICLOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

O que está em questão é a constituição de uma escola que se pautar pelo compromisso com a inclusão escolar e social de todos, rompendo-se com a noção, tradicionalmente assimilada, de que a sua finalidade é transmitir um dado conjunto de informações que devem ser assimiladas por todos os alunos, mas que, “já se sabe”, nem todos têm condições de dominá-las (profecias auto-realizadoras), nos tempos e nas condições preestabelecidas, convivendo-se, assim, com os altos e persistentes índices de fracasso escolar. (SOUSA, 2007, p. 37)

Neste capítulo apresentaremos algumas considerações a respeito do ensino por ciclos e por seriação, apresentando inicialmente sua trajetória no Brasil e o que vem a ser essa organização de ensino.

1.1 CICLOS E SERIAÇÃO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No Brasil a organização do ensino em ciclos surgiu a partir das ideias de políticas de não reprovação, ideias que conforme Barreto e Mitrulis (2001) já existiam no país desde meados do século XX defendendo propostas que buscassem acabar ou ao menos diminuir a repetência, propostas de modificar a organização da escola.

As primeiras propostas dessa natureza datam das décadas de 1960 e 1970 e inspiraram-se na organização escolar adotada na Inglaterra, cujo modelo foi difundido como referência no Brasil, em meados do século. Denominadas genericamente, no caso brasileiro, avanços progressivos, caracterizaram –se como medidas intermediárias entre o regime seriado e o de promoção automática vigente no sistema inglês, uma vez durante todo o ensino obrigatório. As experiências brasileiras desse período foram, no entanto, pouco divulgadas. (BARRETO; SOUSA, 2005, p. 664)

É necessário destacar que, a organização do ensino por ciclos visa substituir o ensino por seriação que, perdurou durante muito tempo na escola brasileira e ainda existe concomitante aos ciclos. O ensino por seriação constituiu-se como um ensino organizado em

séries, e sistematizado tendo como foco principal a avaliação. Como aponta Alavarse (2009, p. 35):

Como nota histórica, é a partir do início dos anos de 1980, com o chamado ciclo básico abrangendo as duas séries iniciais, que a temática ganha proeminência nos debates educacionais brasileiros, mesmo que antes desse período tenham se registrado iniciativas com algumas semelhanças, como em 1920, a Reforma Sampaio Dória no ensino paulista.

Segundo Mainardes e Stremel (2013), a organização do ensino por seriação contribuiu sobremaneira com os índices de reprovação e evasão escolar. Mais especificamente nos anos de 1980 os ciclos passam a ser discutidos no cenário educacional brasileiro como solução a estes problemas, tendo sido implantado *a priori* em São Paulo na rede Estadual no ano de 1984 sendo adotados nos anos seguintes em outros Estados.

Inicialmente foi criado o ciclo básico de alfabetização que consistia na reunião dos dois primeiros anos com a eliminação da reprovação entre o primeiro e o segundo ano estendendo o tempo de aprendizagem, buscando a diminuição das reprovações e da evasão escolar. Com a expansão da política de ciclos no país foram sendo implantadas outras modalidades de ciclos como: em ciclo inicial, intermediário e final, os ciclos de aprendizagem, ciclos de formação, regime de progressão continuada, ciclo básico, bloco inicial de alfabetização, ciclo complementar de alfabetização, ciclos de ensino fundamental e organização em ciclos. (MAINARDES; STREMEL, 2013).

O ensino por ciclos são implementados de acordo com as necessidades de cada rede. Como destaca Mainardes e Stremel (2012, p. 4):

Em diversas redes de ensino, a implantação dos ciclos foi marcada pela proposição de alterações mais profundas no sistema educacional, com a reorganização do tempo e do sistema de promoção dos alunos, do currículo, da avaliação, das metodologias de ensino, da gestão da escola e da ampliação da participação da comunidade na vida da escola. Por outro lado, em outras redes de ensino as mudanças foram menos substanciais.

Como destacam Barreto e Souza (2005) que essas propostas de organização do ensino por ciclos comprometem-se com a democratização do ensino que vai além de regularizar o fluxo escolar, agregando a dimensão social e cultural, e passando a compreender com um novo olhar o que vem a ser ensinar, aprender, e como se dá o processo de conhecer. Esses

fatores contribuem sobremaneira para tornar a escola um espaço de inclusão diminuindo assim os índices de repetência, e de evasão escolar.

Evidencia-se como nos alerta Barreto e Mitrulis (2001), que a organização do ensino por ciclos insere-se na discussão da reprovação escolar uma vez que, organizar o ensino em ciclos passou a ser visto como uma das possíveis soluções para problemas de reprovação e repetência escolar, que por sua vez, resultam em evasão.

Os ciclos passam a ser muito valorizados como um tipo de resposta ao fracasso e à exclusão escolar, visto que, na perspectiva das sociedades do conhecimento que permeia a orientação das reformas na área, é fundamental que amplos contingentes da população tenham condições de desenvolver habilidades intelectuais mais complexas, sejam capazes de processar múltiplas informações e de se organizar nas relações sociais e de trabalho de modo cooperativo e mais autônomo. (BARRTETO; MITRULIS, 2001, p. 120)

Nesse sentido, os ciclos passaram a ser adotados a partir de 1980 como uma alternativa para solução destes problemas ganhando ênfase com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei 9.394/96 que em seu artigo 23 destaca, a organização da educação básica ressaltando que esta pode se dar por meio diverso de organização entre eles o de ciclos, atendendo ao processo de aprendizagem (BRASIL, 1996).

A divisão do ensino por ciclos aparece também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), referenciais de qualidade voltados para o ensino dos anos iniciais contendo orientações e objetivos para cada disciplina. Nos PCN's a escolaridade é organizada em ciclos, sugerindo uma avaliação contínua da aprendizagem e voltada para o aspecto qualitativo (FERNANDES, 2003)

Quanto a estrutura e organização dos ciclos Barreto e Mitrulis (2001, p. 103) destaca que:

Os ciclos compreendem períodos de escolarização que ultrapassam as séries anuais, organizados em blocos cuja duração varia, podendo atingir até a totalidade de anos prevista para um determinado nível de ensino. Eles representam uma tentativa de superar a excessiva fragmentação do currículo que decorre do regime seriado durante o processo de escolarização. A ordenação do tempo escolar se faz em torno de unidades maiores e mais flexíveis, de forma a favorecer o trabalho com clientelas de diferentes procedências e estilos de aprendizagem, procurando assegurar que o professor e a escola não percam de vista as exigências de educação postas para o período.

Conforme destaca o trecho supracitado ao organizar o ensino em ciclos agrupam-se as séries, e desenha-se um novo currículo eliminando a fragmentação do currículo escolar. Como assinala Souza (2007), organizar o ensino por ciclos pressupõe uma nova forma de trabalho, uma vez que o conhecimento produzido passa a ser visto como um processo que se constrói continuamente destacando a dinamicidade do conhecimento que não é visto como processo de acumulação, mas de construção que não se encerra em classificação e seleção como propõe a organização do ensino por seriação. Quanto à organização do ensino por ciclos Freitas (2003, p. 51) ressalta:

Os ciclos procuram contrariar a lógica da escola seriada e sua avaliação. Só por isso, já devem ser apoiados. Não eliminam a avaliação formal, muito menos a informal, mas redefinem seu papel e associam com ações complementares – reforço ou recuperação paralela, por exemplo.

Para apresentar a organização do ensino por seriação apresentaremos como se dá a divisão das séries nos ciclos. Para tanto, tomaremos como exemplo a implantação dos ciclos na Rede Municipal de Ensino de Campina. Desse modo, os ciclos em Campina Grande são divididos da seguinte forma: 1º CICLO correspondendo ao ciclo de alfabetização que engloba o 1º, 2º e 3º ano, onde o aluno só pode ser retido no final do ciclo, o 2º CICLO corresponde ao 4º e 5º ano, o 3º CICLO correspondendo ao 6º e 7º ano e o 4º CICLO ao 8º e 9º anos (ALMEIDA, 2012).

Já em São Paulo quando foram implantados os ciclos, o ensino se dividia em: Ciclo inicial formado pelas três primeiras séries do ensino fundamental, ciclo intermediário formado pela 4ª, 5ª e 6ª séries e ciclo final com a 7ª e 8ª serie. (MAINARDES; STREMEI, 2013).

Destacamos que a forma apresentada acima era de quando o ensino ainda estruturava-se em séries, e não em anos como atualmente se estrutura por determinação da Lei nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, que alterou a LDB 9.394/96 determinando a duração de 9 anos para o ensino fundamental e a matrícula obrigatória a partir dos 6 anos de idade (BRASIL, 2006).

Segundo Mainardes e Stremel (2012), com a implantação do ensino fundamental de 9 anos o Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Ministério da Educação (MEC) passaram a propor a transformação dos anos iniciais em um ciclo único denominado ciclo da infância o qual elimina a reprovação englobando os três primeiros anos.

Conforme a Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010 se pretende com a não reprovação dos alunos principalmente no ciclo de alfabetização (do 1º ao 3º ano) a

continuidade da aprendizagem e a oportunidade de aprofundar as aprendizagens para dar prosseguimento aos estudos (BRASIL, 2010).

Pode-se perceber que o ponto principal de discussão quando se fala no ensino por ciclos se dá em torno da reprovação.

Assim, é necessário ir muito além das discussões sobre a eliminação da reprovação e da aprendizagem enquanto um processo contínuo, pois a implantação dos ciclos nos anos iniciais pressupõe uma revisão de toda a concepção de currículo, avaliação, metodologia, organização do sistema de ensino, gestão da escola, relação escola-comunidade, formação continuada de professores, entre outros aspectos. (MAINARDES; STREMEL, 2012 p.7)

De acordo com os autores estudados ao longo desta discussão percebemos que no ensino por seriação há uma valorização da avaliação que se traduz tanto em relação à nota, quanto em relação à pontuação, o que gera índices de reprovação e conseqüentemente contribui para ao fracasso escolar. Percebemos que ainda há um distanciamento da realidade dos alunos, do seu tempo de aprendizagem e uma preocupação excessiva em aplicar um número máximo de conteúdos aos alunos.

Como destaca Freitas (2003), o que fez a escola se afastar da realidade e da vida dos alunos foi o modelo capitalista que necessitava de pessoas preparadas de forma rápida para atender as necessidades da força de trabalho e a forma de atender essa demanda de pessoas preparadas de forma rápida ficou a cargo da escola.

Com isso pode-se compreender que a escola seriada tem sua forma de organização baseada nas necessidades do modelo capitalista de preparação rápida, para o mercado de trabalho. “Na origem da escola seriada, o tempo era o da ordem, da industrialização, do tempo que não pode ser desperdiçado, o tempo da produção”. (FERNANDES, 2003 p. 117)

Quanto à presença do modelo capitalista na organização da escola Freitas (2003, p. 27) destaca:

As necessidades de preparação de mão-de-obra do capitalismo forçaram o aparecimento da instituição escola na forma atual. O conhecimento foi partido em disciplinas, distribuídos por anos e os anos foram subdivididos em partes menores que servem para controlar uma certa velocidade de aprendizagem do conhecimento. Convencionou-se que uma certa quantidade de conhecimento devia ser dominada pelos alunos dentro de um determinado tempo. Processos de verificação pontuais indicam se houve ou não domínio de conhecimento. Quem domina avança e quem não aprende repete o ano (ou sai da escola).

Neste sentido, como assinala o trecho supracitado percebe-se que há uma excessiva preocupação com o tempo e com a quantidade de conteúdos a serem passados e que nesse modelo de escola, a preocupação com o tempo ultrapassa até mesmo a questão que deveria ser central que a aprendizagem dos alunos.

O que se espera é que uma escola seriada ou em ciclos seja capaz de pensar não em um tempo cronológico, um tempo que acelere a quantidade de conteúdos a serem repassados, um tempo que resulte tão somente em notas, mas uma escola que respeite o tempo de aprendizagem de seus alunos/as e considere a sua realidade, no qual a avaliação se dê continuamente durante todo o processo sem ser usada para julgar os alunos/as, uma escola que não queira padronizar os sujeitos, mas considerar sua heterogeneidade.

1.2 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DO ENSINO POR CICLOS

Neste tópico apresentaremos como se desenvolve a avaliação da aprendizagem nos ciclos destacando como se dá os processos de avaliação formativa e progressão continuada no sistema de ciclos e suas contribuições.

1.2.1 A contribuição da avaliação formativa e progressão continuada no sistema de ciclos

A organização do ensino por ciclos traz consigo mudanças significativas para a avaliação escolar que é o centro da discussão quando se fala em ensino por ciclos. Se na escola seriada a avaliação se dá principalmente de forma “somativa”, visando classificar o aluno ao final de um período, na escola em ciclos priorizasse a avaliação de caráter “formativo”, e que por vezes, utilizam também a progressão continuada da qual falaremos mais adiante.

Com a adoção dos ciclos a forma de avaliar sofre alterações. Como destaca Knoublauch (2004, p. 118):

Não existe boletim, a nota foi abolida, assim como a prática das provas bimestrais ou das semanas de provas. Em seu lugar, a escola passou a utilizar o parecer descritivo e uma ficha cumulativa com critérios a serem atingidos pelos alunos no decorrer da etapa ou ciclo.

O que se propõe no sistema de ciclos é o fim da avaliação que visa classificar e até mesmo promover um processo de exclusão ao julgar quem sabe mais, menos ou nada. A organização do ensino por ciclos propõe, que a avaliação seja realizada de forma contínua e não apenas ao fim do ano letivo com vistas a reprovar o aluno a fazê-lo repetir de ano. “O sistema de ciclos, porém não exclui a avaliação do aproveitamento do aluno, nem exige que ela só ocorra no final de cada ciclo”. (ALAVARSE, 2009 p.78)

A avaliação contínua que também acontece no sistema seriado é realizada e enfatizada nos ciclos. Desse modo, a avaliação é realizada todos os dias, buscando saber em que avançaram ou o que deve ser revisto, o que precisa melhorar, ajudando a reorientar a prática do professor.

A avaliação contínua a ser realizada durante todo o processo e tendo como foco o aspecto qualitativo também é defendida na própria LDB 9.394/96 em seu artigo 24, inciso V, alínea “a” que trata da avaliação contínua onde deve prevalecer o caráter qualitativo em detrimento do quantitativo. (BRASIL, 1996)

Entretanto, como argumenta Bertagna (2008) existem diferenças entre os ciclos que tem como objetivo modificar a forma de organizar a escola, e a progressão continuada que visa agrupar os anos escolares em ciclos, garantindo principalmente a aprovação do aluno.

O que está em questão quando se fala tanto em ciclos quanto em progressão continuada não é o fim da avaliação, mas é uma reorientação ou o significado de como avaliar, de não tratar a avaliação apenas como meio de classificar os alunos/as, de obter uma nota que julgue o aluno e o rotule, mas de reorientar a prática. Assim, como aponta Bertagna (2008, p. 83)

O fato é que, nas propostas de ciclos, a avaliação não é utilizada ou entendida pelo seu produto – aprovação/reprovação, e sim, pela sua potencialidade formativa junto ao processo de desenvolvimento da criança, o que não significa abolir a avaliação, pois esta é imprescindível ao acompanhamento e desenvolvimento dos alunos e das propostas das escolas para atendimento dos estudantes, planejando e re-planejando, constantemente, suas ações em função da aprendizagem e desenvolvimento dos educandos.

Nos ciclos a avaliação não é vista como um fim, mas como um meio de ajustar a prática, de buscar caminhos, de acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos. A avaliação nos ciclos é um processo que não está centrado apenas na figura do professor, mas é participação de todos professores, alunos, pais e gestão escolar.

Avaliação adotada nos ciclos assume, então, um caráter *formativo* preocupando-se com o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, levando em consideração as suas dificuldades, não tendo como finalidade a atribuição de notas aos alunos, visto que como aponta Almeida (2012) nos ciclos o professor registra o desenvolvimento do aluno diagnosticando seu desempenho. Esses registros são feitos continuamente em cadernos, diários entre outros e sintetizados ao final dos períodos.

Na escola campo da pesquisa uma professora nos relatou informalmente em conversa que realizava os registros dos alunos em um caderno onde anotava as atividades desenvolvidas e o desempenho de cada aluno. Deste modo, a avaliação nos ciclos como destaca Caseiro e Gebran (2008, p. 3):

[...] ela informa o professor dos efeitos reais de sua intervenção pedagógica, possibilitando que ele regule sua ação a partir disso. O aluno percebe onde está, toma consciência das dificuldades que encontra e pode tornar-se capaz de reconhecer e corrigir seus próprios erros. A continuidade é outra característica da avaliação formativa, que deve estar inscrita no centro do processo educativo, formativo, proporcionando uma articulação mais eficaz e constante entre coleta de informações e ação remediadora.

A adoção do regime de progressão continuada nos ciclos também atende a proposição da LDB 9.394/96 que em seu artigo 32, no 2º § assinala, que os estabelecimentos que fazem uso da progressão regular por série pode fazer a adoção do regime /do regime trecho repetido/ de progressão continuada sem que este acarrete prejuízo para a avaliação. Quanto à adoção dos ciclos, a LDB prevê no mesmo artigo 1º § que é permitido o desdobramento do ensino em ciclos (BRASIL, 1996). Como salienta Caseiro e Gebran (2008, p. 5):

A progressão continuada implica uma nova forma de organização escolar, conseqüentemente uma nova concepção de avaliação. A aprovação/reprovação ao final de cada série dá lugar ao esforço por parte da escola no sentido de encontrar maneiras de assegurar a aprendizagem e o progresso dos alunos intra e interciclos. Conseqüentemente a excessiva fragmentação do currículo durante o período de escolarização é superada.

Os ciclos e a progressão continuada apresentam pontos positivos que precisam ser levados em consideração, pontos que vão além da substituição dos modelos tradicionais de avaliação e diminuição da repetência escolar.

Segundo Freitas (2003) ao manter tanto os alunos que aprenderam quanto os alunos que não aprenderam na escola, os ciclos e a progressão continuada tornam visíveis os alunos que antes saíam da escola porque eram reprovados. Alunos estes que eram expulsos da escola porque não aprendiam.

A não reprovação contribui para assegurar que os alunos tenham mais tempo para desenvolver a aprendizagem de acordo com o seu tempo, com as suas especificidades.

1.2.2 Avaliação e aprendizagem nos ciclos

Ao estabelecermos uma relação entre a avaliação e a aprendizagem chamamos atenção para a relação de aproximação que deve ter estes dois termos, uma vez que em nosso cenário educacional a avaliação tem se distanciado cada vez mais da aprendizagem, e tem sido relacionada apenas a classificar os alunos e atribuir-lhes notas, notas que nem sempre são sinônimo de aprendizagem. A avaliação deve ser utilizada como norte para o professor, para rever o que precisa ser melhorado na sua prática contribuindo para que o aluno desenvolva a aprendizagem, não apenas para quantificar o que aprendeu ou não.

A organização do ensino por ciclos apresenta uma nova forma de avaliar que substitui tradicionais formas de avaliação que se distanciam da preocupação com a aprendizagem preocupando-se apenas com as notas. Na escola seriada a prática avaliativa foca apenas na nota com a função de aprovar ou reprovar ao término do ano letivo, enquanto que na proposta dos ciclos a avaliação leva em consideração, o processo de aprendizagem dos alunos/as.

Nos ciclos a avaliação do aproveitamento dos alunos também existe só que não apenas no final, mas durante o ano com o intuito de saber o que os alunos sabem e o que não foi entendido (ALAVARSE, 2009). Neste sentido, como salienta Knoblauch (2004, p. 117):

Verifica-se que a proposta exige uma mudança radical nos processos avaliativos, pois a avaliação não cumpre mais a função de reprovar os alunos

no final de cada ano. A proposta é que a escola desempenhe um tipo de avaliação mais formativa, já que os ciclos devem respeitar, em tese, o processo de aprendizagem de cada aluno.

Como podemos perceber no trecho supracitado a organização do ensino por ciclos provoca mudanças significativas na forma de avaliar o aluno correspondendo a uma avaliação formativa que respeite o processo de aprendizagem dos alunos suas particularidades. Deste modo, como já discutido neste trabalho a avaliação passa a ser um instrumento para orientar e reorientar a prática educativa. Como assinala Sousa (2007, p.33):

Sobre a avaliação da aprendizagem do aluno, é ressaltada sua dimensão, formativa, direcionada a diagnosticar e estimular o avanço do conhecimento. Portanto, seus resultados devem servir para orientação da aprendizagem, cumprindo uma finalidade eminentemente educacional, rompendo-se com a falsa dicotomia entre ensino e avaliação.

No ensino por ciclos percebe-se que há uma preocupação com o aspecto qualitativo no processo de aprendizagem dos alunos, com o seu desenvolvimento ao longo do processo, cabendo ao professor à função de facilitador da aprendizagem (KNOUBLAUCH, 2004).

Tal fato tem gerado críticas ao sistema de ciclos, uma vez que como destaca Freitas (2003), a avaliação serve de instrumento de dominação do professor sob os alunos e nos ciclos com a mudança da forma de avaliação o professor perde esse poder de dominação, de controlar o aluno. Deste modo, com os ciclos, Barreto e Sousa (2005, p. 675) destacam que:

Os professores sentem que perdem poder e controle da situação de ensino, alegando que o manejo da classe torna-se bem mais difícil nas escolas com ciclos, especialmente nas turmas de alunos mais velhos. A reprovação é reivindicada por grande parte dos segmentos escolares como um mecanismo necessário para garantir a aprendizagem, sendo a ela atribuído um potencial de motivação para o ensino e para a aprendizagem.

Nessa conjuntura o significado da avaliação é vista pela ótica da repressão e punição pelo professor, como um mecanismo para obrigar os alunos a estudarem. Ao buscar eliminar tal visão, os ciclos apresentam resistência por parte de professores, demonstrando a necessidade de um processo de formação continuada para os professores a respeito de como avaliar nos ciclos, de como se organiza o ensino nos ciclos. Formação que às vezes é oferecida no início da implantação pela rede, mas que não apresenta uma continuidade ao longo do proces

CAPÍTULO II

2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: CAMINHOS PERCORRIDOS

O papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento construído na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa. (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 5)

Neste capítulo apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa. Apresentamos e discutimos o objeto de estudo a partir dos dados coletados trazendo reflexões sobre a avaliação a partir da visão da docência de uma escola pública da Rede Municipal de Campina Grande *lócus* da Pesquisa estabelecendo diálogo com as respostas obtidas nos questionários e os autores estudados. Apresentamos ainda como os ciclos surgem na rede municipal de Campina Grande.

2.1 O SISTEMA DE CICLOS NA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE

A proposta de organizar o ensino por ciclos na rede municipal de Campina Grande surgiu no ano de 1998, no governo do prefeito, a época Cássio Cunha Lima que ao iniciar sua administração através da Secretaria de Educação Municipal, destacou como uma de suas prioridades fazer funcionar o sistema de ciclos que era determinado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996 na educação do município de sua governança.

A implementação do sistema de ciclos teve início com a aplicação de um projeto intitulado: “Ação Educar” com o objetivo de promover tanto um avanço quantitativo quanto qualitativo por meio de programas de qualificação com vistas a melhorar a qualidade do ensino, utilizando também a pedagogia de projetos. (PMCG, 1998)

Para tanto, a Secretaria Municipal de Campina Grande, encontrou espaço no Programa de Letramento para a organização curricular em forma de Ciclos de Formação em substituição

do Sistema Seriado, essa ação foi possível por meio da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96 destacando que a organização do ensino poderia se dar de diversas formas entre elas por meio dos ciclos (Brasil, 1996).

Neste sentido, o documento do Programa Letramento no Ensino Fundamental organizado pela secretaria de educação de Campina Grande no ano de 1998 apresenta uma proposta de divisão dos ciclos para o ensino fundamental:

- **Primeiro Ciclo ou letramento emergente**, quando o “desenvolvimento da linguagem escrita ou do processo de letramento da criança é dependente”, no caso principalmente, da instituição escolar, seja do professor, seja dos outros alunos colegas.
- **Segundo Ciclo ou letramento avançado**, que se caracteriza pela independência dos alunos na leitura e escrita podendo-se tornar leitores e escritores autônomos, embora restringidos ainda, nesta fase, a leitura de textos simples adequados a idade (PMCG, 1998, p. 12)

Assim como em outras regiões do Brasil a adoção dos ciclos na rede municipal de Campina Grande, buscou superar a fragmentação do tempo escolar e reorganizar o ensino, contribuindo para a diminuição da reprovação, bem como da evasão escolar. Quanto a divisão do ensino por ciclos no município de Campina Grande “facilita: de um lado, um fluxo contínuo no ensino/aprendizagem dos alunos 'mais adiantados' e, de outro, a introdução de períodos específicos de reforço escolar para os que dele necessitam”. (PMCG, 1988, p.13)

Neste sentido, como destaca Cunha, Nascimento e Costa (2011), os ciclos foram implantados de forma oficial no ano de 1999 por intermédio do Decreto 2715 em 5 de fevereiro que determinou orientações para a educação básica no município. As orientações do decreto utilizaram como embasamento teórico a perspectiva crítica, fundamentada na concepção sócio-histórica que considera os sujeitos capazes de intervir na sua realidade, sujeitos que fazem parte de um contexto histórico.

2.1.1 O funcionamento e a contribuição do sistema de ciclos para a escola pesquisada

Quando as professoras foram questionadas sobre o tempo de implantação dos ciclos na escola as respostas foram variadas, no entanto, verificou-se que apenas uma das professoras sabia exatamente o ano de implantação dos ciclos na escola, como destaca seu depoimento.

“Iniciou-se no ano de 2004”. (P. Pérola)

As outras professoras não conseguiram indicar uma data dizendo quando exatamente os ciclos foram implantados na escola, conforme se percebe nas três respostas dadas.

“Aproximadamente há uns dez anos”. (P. Ametista)

“No município de Campina Grande foi implantado há mais de oito anos”. (P. Cristal)

“Já existia quando cheguei nesta escola”. (P. Jade)

A organização do Ensino por ciclos na cidade de Campina Grande foi oficializada no ano de 1999 como destaca Cunha, Nascimento e Costa (2011), sendo implementado na escola pesquisada 5 (cinco) anos depois de ser implantados em outras unidades da rede municipal, portanto veio a ocorrer justamente, no ano de 2004, conforme revelou a (P. Ametista).

Numa outra pergunta ao serem questionadas se a secretaria municipal de educação oferecia algum tipo de formação continuada ou, orientação para o processo e a prática de avaliação, referente ao ensino por ciclos, as professoras, assim, responderam:

“Oferece o PNAIC até o 3º ano”. (P. Ametista)

“Tem os programas PROFA, Pró Letramento, Pra Lê e PNAIC”. (P. Cristal)

“Não pelo menos eu nunca participei”. (P. Jade)

“Já ofereceu, nos anos de 2004 e 2005, mas depois não tivemos mais apoio algum, mesmo com muitos problemas que foram surgindo a secretária não mais teve interesse em reunir os profissionais para juntos acharem alguma solução”. (P. Pérola)

Sabemos que existem programas voltados para a alfabetização que parece ser uma das grandes preocupações das políticas educacionais atuais entre eles o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) citados pelas professoras Ametista e Cristal, onde são criadas ações que ajudam no processo de aprendizagem e avaliação das crianças do ciclo de alfabetização. Entretanto, a professora Jade destaca que nunca participou de cursos de formação e a professora Pérola ressalta que a formação ofertada ao professor não tem uma continuidade.

Destacamos que o PNAIC programa citado pelas professoras Ametista e Cristal oferece sim formação continuada aos professores. A formação continuada é um dos eixos principais e busca melhorar a prática do professor onde realiza seu trabalho em sala de aula de acordo com as orientações da formação.

Conforme ressalta Mainardes e Stremel (2012) a formação continuada de professores é um dos cuidados indispensáveis que se deve ter ao adotar a política de ciclos destacando ainda que deve ter um acompanhamento tanto para os alunos quanto para os professores. A formação continuada é defendida ainda por Barreto e Sousa (2005) como uma das condições para que o ciclo se desenvolva.

Ao serem perguntadas sobre duas situações em relação ao funcionamento do sistema de ciclos, na escola pesquisada: “como você definiria o sistema de ciclos?” E, ainda, “como este sistema está organizado?”

Situação 1:

“No sistema de ciclos trabalhamos com diagnostico do desempenho dos alunos”. (P. Ametista)

“O ciclo foi criado em 1990 com o objetivo de diminuir a repetência que havia no sistema seriado”. (P. Cristal)

“Como uma progressão continuada onde o pedagógico é trabalhado em tempo mais flexível, onde os alunos só poderão ser reprovados do final de cada ciclo”. (P. Jade)

“Um sistema muito bem elaborado, que com muito apoio pedagógico e pessoal junto com profissionais comprometidos com a educação e um sistema que poderia ter dado certo”. (P. Pérola)

Diante das respostas dadas pode-se dizer que as professoras Cristal e Jade definiram o que seria o sistema de ciclos para elas muito embora, tenham deixado de falar sobre o reforço dado aos alunos quando é detectada a dificuldade na aprendizagem, do respeito ao tempo de cada aluno/a no processo de aprendizagem e o respeito a realidade dos alunos fatores de grande relevância para o trabalho pedagógico nos ciclos com demonstram autores utilizados neste estudo como Freitas (2003), Barreto e Sousa (2005) e Sousa (2007).

A resposta da professora Pérola se diferenciou das demais, pois, ela inicia falando que o sistema é muito bem elaborado, mas que na prática não deu certo por falta de apoio pedagógico.

Pode-se compreender que a professora Pérola se refere ao apoio que a escola recebeu logo no início da implantação dos ciclos na escola, de programas de formação que orientavam o/a professor/a sobre a prática avaliativa, programas que deixaram de existir ao longo do funcionamento dos ciclos.

De acordo com o que nos orienta Mainardes e Stremel (2012) é necessário que se crie espaços de discussão e de formação de professores para que se possa discutir como trabalhar nos ciclos, criando estratégias de acompanhamento do sistema. Esse acompanhamento deve ser feito tanto pela equipe da escola quanto pela Secretaria de educação.

Situação 2:

Quando questionadas sobre como o sistema de ciclos esta organizado, duas professoras apresentaram certa compreensão de como se organiza os ciclos como podemos verificar a seguir:

“1º ciclo intermediário, 1º ciclo inicial, 1º ciclo final e 2º ciclo final”. (P. Ametista)

“Ciclos intermediário, 1º ciclo inicial, 1º ciclo final e 2º ciclo final”. (P. Cristal)

As outras duas professoras não apresentaram compreensão sobre a forma de organização dos ciclos respondendo que os ciclos se organizam

“De forma experimental trazidas pelos alunos do seu universo familiar e social”. (P. Jade)

“Em etapas de aprendizagem que visa o avanço do aluno com aulas regulares juntamente com aulas de reforço para auxiliar em suas deficiências”. (P. Cristal)

Quanto a lógica da organização dos ciclos consoante com Mainardes e Stremel (2012) e o proposto na LDB lei 9.394/96, as redes de ensino são autônomas para decidirem quanto a adoção ou não dos ciclos, bem como quanto a forma de reorganizar o tempo escolar, decidindo o tempo de duração dos ciclos. Deste modo, os ciclos podem agrupar tanto os três primeiros anos do ensino fundamental quanto os demais.

2.1.2 Desafios, modificações da prática docente e a organização para atender ao trabalho educativo do sistema de ciclos

Quanto aos desafios que são encontrados pelo professor quando ele trabalha no sistema de ensino por ciclos, as respostas foram variadas, porém a que mais se aproximou da proposta dos ciclos foi a seguinte:

“Observar atentamente as habilidades e aprendizagens adquiridas pelos alunos”. (P. Ametista)

Como podemos observar na resposta da professora Ametista e a partir do que foi discutido no decorrer deste trabalho, nos ciclos o professor o professor avalia diagnosticando o que o aluno já domina para só assim poder avançar, realizando também a revisão de conteúdos que se fizerem necessários.

Ao serem indagadas, sobre as modificações ocasionadas pelo ensino por sistema de ciclos duas professoras responderam que: a mudança mais significativa foi na forma de avaliar os alunos. Logo, responderam que:

“Mudanças no sistema de avaliação”. (P. Ametista)

“Ocorreram mudanças no tocante a avaliação que é contínua, onde é feito um diagnóstico do sistema da escrita, para avaliar o nível de aprendizagem em que o aluno se encontra”. (P. Cristal)

Pode-se perceber no dizer das professoras acima pesquisadas que para elas a mudança mais significativa ocorreu com relação a avaliação que passou a ser contínua. Cabe ressaltar que no sistema seriado também se utiliza a avaliação contínua. Contudo, no sistema de ciclos trabalha-se dentro de uma programação bimestral, mas se exige do professor que ele se reedue para avaliar a aprendizagem tanto de sua prática de ensino quanto de sua aplicabilidade acerca do processo de avaliação da aprendizagem do aluno que precisa do acompanhamento do professor diariamente, com o propósito de diagnosticar os avanços ou as dificuldades dos níveis de aprendizagem para então intervir no momento certo.

Outro aspecto investigado buscou saber de cada professora pesquisada se os ciclos acarretaram mudanças na forma de organização do trabalho das professoras. Sobre esta questão percebemos que cada professora apresentou uma forma diferente de organizar seu trabalho nos ciclos.

“As atividades são variadas feitas através do planejamento onde além das aulas expositivas, tem as atividades lúdicas, cantinho da leitura etc”. (P. Cristal)

“De acordo com a necessidade de aprendizagem de cada turma que acompanho”. (P. Jade)

“De forma clara e objetiva dando a oportunidade do aluno refletir e opinar”. (P. Pérola)

Diante das respostas dadas acima se percebe que há uma disposição das professoras em organizar seu trabalho frente às exigências de mudança da proposta dos ciclos. A este respeito, lembremo-nos de que a escola nesse sistema vem encontrando alternativas de

organização frente à proposta de ciclos de aprendizagem, mesclando elementos de tradição e inovação especialmente para atender aos alunos com maiores dificuldades Knoblauch (2004, p 117).

2.1.3 Mudança nos diferentes modos de avaliação da aprendizagem e as contribuições da avaliação que o sistema de ciclos oferece para o Ensino Fundamental

Ao serem indagadas quanto às mudanças que têm ocorrido, em relação à avaliação da aprendizagem, após o sistema de ciclos. Constatamos, nas respostas dadas pelas professoras, que há um esforço de mudança, visto que, suas práticas avaliativas buscam atender a forma diferenciada de avaliar dos ciclos, como podemos perceber na resposta de três professoras:

“A avaliação era realizada através de provas e agora é feita de forma contínua”. (P. Ametista)

“A avaliação deixa de ter o caráter “classificatório” de simplesmente aferir acúmulo de conhecimentos para promover ou reter o aluno”. (P. Cristal)

“As mudanças principais foram as avaliações que tornaram mais contínua relatando os avanços e os desafios dos alunos”. (P. Pérola)

Pode-se dizer que apesar dos desafios que a proposta dos ciclos impõe ao professor, conforme a autora (KNOBLAUCH, 2004 p. 113) o fazer diário do professor encontra novos desafios e problemas, para os quais as soluções devem ser encontradas rapidamente. Como destaca a fala das professoras a avaliação dos alunos ganha um novo direcionamento não mais voltado para provas e notas, mas uma avaliação que se dá no dia a dia da prática educativa.

No tocante a forma de avaliação as professoras de um modo geral, descreveram como acontece à avaliação da aprendizagem nos ciclos como podemos constatar nos textos a seguir:

“Através das atividades diárias realizadas em sala”. (P. Ametista)

“A avaliação é contínua serve para constatar o que esta sendo construído e assimilado pelo aluno e o que esta em via de construção”. (P. Cristal)

“Ela é feita dia a dia da aprendizagem, de diversas formas. Comando os trabalhos para que todos a atinjam”. (P. Jade)

“De forma contínua através de relatórios semestrais”. (P. Pérola)

As professoras Jade e Ametista usaram como instrumento de avaliação, trabalhos e atividades diárias, quanto a esta questão estudos têm revelado que os instrumentos utilizados, a periodicidade e a forma da avaliação devem ser escolhidos de acordo com aquilo que se espera da avaliação, da sua filosofia e da utilização social que será feita dela e de seus resultados Knoblauch (2004, p.124).

Ao serem questionadas sobre “quais as diferenças da avaliação realizada nos ciclos se comparada à avaliação do sistema seriado”? Percebemos algumas diferenças apontadas pelas professoras como podemos observar abaixo:

“Antes eram avaliados mediante uma nota e agora avaliamos seu desempenho nas diversas áreas do conhecimento”. (P. Ametista)

“Como já falei a avaliação é contínua e processual e representa um diagnostico global do processo vivido que servirá para o planejamento e organização do próximo ciclo. Já no sistema seriado a avaliação ela é classificatória com o objetivo de simplesmente definir aprovação e reprovação”. (P. Cristal)

“É vista como uma tentativa de ocultar o problema da repetência e garantindo a permanência e o aprendizado do aluno na escola”. (P. Jade)

“A forma de avaliação realizada nos ciclos podemos afirmar que é mais justa para os alunos, pois são avaliados de forma contínua, observando as deficiências e os avanços e assim o

professor planejar suas atividades para somar as deficiências e continuar com os avanços”.
(P. Pérola)

A fala das professoras, nos faz pensar sobre diferentes significados acerca do funcionamento do sistema de ciclos. A este respeito, entre a avaliação que é realizada nos ciclos e a do sistema seriado destacando que para avaliar os alunos nos ciclos não cabe apenas ter em vista aprová-lo ou reprová-lo.

E por fim, quando questionada se “você considera que o modelo de avaliação proposto no ensino por ciclos tem trazido resultados positivos para a aprendizagem dos alunos?” Como resposta 2 (duas) professoras responderam que sim. Enquanto que para as outras 2 (duas) professoras o conteúdo de suas respostas apresentaram pontos negativos no modelo de ciclos, como mostramos abaixo.

“Na minha sala de aula como leciono o 1º final (3º ano) se o aluno consegue bom rendimento, especialmente leitura e interpretação ou domina as operações fundamentais resolve situações problemas ele está apto para o ciclo seguinte, mas já no intermediário e 1º ciclo inicial quer o aluno leia ou não ele vai para o ciclo seguinte ele não pode ser retido. O que eu acho um ponto negativo. Por isso tem muitos alunos que chegam ao 6º ano do fundamental, e não domina a escrita alfabética”. **(P. Cristal)**

“Com certeza sim, só precisa de apoio pedagógico mais sistematizado para apoiar os alunos com deficiência”. **(P. Pérola)**

O sistema de ciclos propõe que os alunos que estão com dificuldade, devem receber aulas de reforço no turno que não estiver estudando para sanar as dificuldades e assim não repetir de ano.

Quando a professora Pérola falou que o sistema de ciclos precisava de apoio pedagógico, estava se referindo a falta de aulas de reforço na escola o que se constitui um entrave para o bom funcionamento do sistema de ciclos. De acordo com Barreto e Sousa (2005) uma das condições para a implementação dos ciclos é a criação de espaços para atender as necessidades de cada aluno.

Entretanto, como destaca Alavarse (2009) para que as aulas de reforço tenham um efeito eficaz deve-se haver um trabalho coletivo que una professores regulares e professores que oferecem o reforço

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do presente trabalho de conclusão de curso, que teve como objetivo analisar a organização do ensino fundamental em ciclos partindo da visão da docência de uma Escola da Rede Municipal de Campina Grande – PB.

Como verificou-se a partir dos autores estudados, Alavarse (2009), Barreto e Sousa (2005), Sousa (2007), Mainardes e Stremel (2012), entre outros autores, a escola organizada em sistema de ciclos precisa de suporte para que o sistema cumpra com seu objetivo principal que é a permanência e principalmente o aprendizado do aluno, porém para que esse objetivo se concretize de fato os alunos e professores precisam contar com o apoio da escola e das secretarias, os professores precisam de formação continuada para compreender como o sistema está organizado e como se dá o trabalho nos ciclos, especialmente em relação a avaliação, e assim, poder auxiliar os alunos a superar suas dúvidas e dificuldades.

Como apontou a fala das professoras, no questionário, a falta de apoio por parte da secretaria de educação dificulta, consideravelmente, o trabalho com os ciclos. As professoras responderam no questionário que só no início da implantação do Sistema de Ciclos receberam formação, porém junto com a adoção dos ciclos foi implantado o Programa Letramento no ensino fundamental para atender as necessidades da rede, uma formação que era oferecida aos professores de toda a rede.

Acreditamos que a falta de formação a que as professoras se referem trata-se da formação a ser realizada no chão da escola, uma formação que considere sua realidade, o que não significa dizer que não há formação na rede.

Conforme nos mostrou Mainardes e Stremel (2013) cabe a gestão de a escola buscar essa formação para a escola partindo das necessidades dos professores e informando a rede a necessidade por formação. Nesse sentido, os gestores são peças fundamentais para a consolidação da política dos ciclos, articulando ações para que os ciclos tenham êxito.

A partir deste estudo, consideramos como principal contribuição dos ciclos a mudança na forma de avaliar, pois no sistema seriado a avaliação tem a função apenas de aprovar ou reprovar o aluno dependendo da nota obtida através de provas bimestrais enquanto nos ciclos a avaliação tem a função de diagnosticar o que foi ou não compreendido pelo aluno para rever o que precisa ser modificado.

Diante da proposta da avaliação nos ciclos o professor é levado a mudar sua prática avaliativa, a não considerar a nota o único critério para avaliar a aprendizagem dos alunos, mas todo processo, caracterizando-se como uma proposta que tem a contribuir para uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALAVARSE, Ocimar Munhoz. Organização do ensino fundamental em ciclos e avaliação: algumas questões. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 35-50, jan/abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a04.pdf>. Acesso em: 04/01/2015.

ALMEIDA, Beatriz Oliveira de. **Avaliação da aprendizagem no sistema de ciclos**. 2012. 47 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande: UEPB, 2012.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá; MITRULIS, Eleny. Trajetórias e Desafios dos ciclos escolares no país. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.15, n.42, p. 103-140, mai/ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a03.pdf>. Acesso em: 09/01/2015.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá; SOUZA, Sandra Zákia. Reflexões sobre as políticas sobre as políticas de ciclos no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 35, n. 126, p. 659-688, set/dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a07n126.pdf>. Acesso em: 13/01/2015.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 dezembro de 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996. Disponível em: http://www.tesouro.fazenda.gov.br/gfm/legislacao/lei9394_96.pdf. Acesso em: 13/01/2015.

_____. **Lei n. 11. 274, de 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87, da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm. Acesso em: 13/01/2015.

_____. **Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010**. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 10/02/2015.

BERTAGNA, Regiane Helena. Ciclos, Progressão Continuada e Aprovação Automática: contribuições para a discussão. **Educação: teoria e prática**, São Paulo, v. 18, n. 31, p. 73-86, jul/dez. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/2203/1928>. Acesso em: 07/01/2015.

CASEIRO, Cíntia Camargo Furquim; GEBRAN, Raimunda Abou. Avaliação Formativa: concepção, práticas e dificuldades. **Nuances: Estudos sobre educação**, São Paulo, v. 15, n.16, p.141-161, jan/dez. 2008. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/181/251>. Acesso em: 15/01/2015.

CUNHA, Kivânia Karla Silva Albuquerque; NASCIMENTO, Maria Dolores Melo do;

COSTA, Cibelly Michalane Oliveira dos Santos. Os ciclos e progressão continuada no Município de Campina Grande/PB na concepção dos familiares dos discentes. **Anais**. XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos: UNIVAP, **ANO?**, p. 6.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. **A escolaridade em Ciclos: A escola sob uma nova lógica – transição para a escola do século XXI**. 2003. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro: PUC, 2003.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, seriação e avaliação: confronto e lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KNOBLAUCH, Adriane. **Avaliação da aprendizagem e avaliação de alunos: o que a prática escolar nos revela**. Araraquara: JM editora, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli.E.D. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

MAINARDES, Jefferson; STREMEL, Silvana. Organização da Escolaridade em Ciclos: Um panorama da situação atual no contexto brasileiro. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Os tempos da vida nos tempos da escola: construindo possibilidades**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

_____. A organização da escolaridade em Ciclos no contexto do ensino fundamental de nove anos: reflexões e perspectivas. **Jornal de Políticas Educacionais**, Porto Alegre, n. 11, p. 03-11, jan/jun. 2012. Disponível em: http://www.jpe.ufpr.br/jpe11_1.pdf. Acesso em: 18/01/2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Organização em ciclos de formação: Pedagogia de Projetos**. Campina Grande, 1998.

SOUSA, Sandra Zákia. **Avaliação, ciclos e qualidade do ensino fundamental: uma relação a ser construída**. Estudos Avançados, São Paulo, v.21, n.60, p. 27-44, mai/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n60/a03v2160.pdf>. Acesso em: 05/01/2015.

URBANO, Hudinilsson. Variedades de planejamento no texto falado e no texto escrito. In: PRETI, Dino (org). **Estudos de língua falada**. São Paulo: Humanitas, 2006.

APÊNDICES

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SOBRE O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA DE CICLOS

1. Há quanto tempo o sistema de ciclos se iniciou nessa unidade escolar?
2. A Secretaria Municipal de Educação oferece algum tipo de formação continuada ou orientação de sugestões com programas que orientam para o processo e a prática de avaliação da aprendizagem, referente ao ensino por ciclos?
3. Como você definiria o sistema de ciclos?
 - 3.1 Como este sistema está organizado?
4. Que desafios são encontrados pelo professor quando ele trabalha no Sistema de ensino por ciclos?
5. Que modificações você registra que foram ocasionadas pelo ensino por Sistema de ciclos na sua prática docente?
6. Como você organiza seu trabalho através do ensino por ciclos?
7. Quais as mudanças que tem ocorrido, em relação a avaliação da aprendizagem, após o sistema de ciclos?
8. Descreva como acontece a avaliação da aprendizagem nos ciclos.
9. Quais as diferenças da avaliação realizada nos ciclos se comparada a avaliação no sistema seriado?
10. Você considera que o modelo de avaliação proposto no ensino por ciclos tem trazido resultados positivos para a aprendizagem dos alunos?